

# O perigo de Bush aceitar sugestões

**N**uma destas minhas sextas-feiras, nessa tarefa nem sempre árdua de encontrar temas, escrevi sobre a Guerra do Iraque e defendi a tese de que o único resultado visível dela foi a prisão de Saddam Hussein, por cujo pescoço Bush está lambendo os beiços. E disse que, se o objetivo era o de varrer ditadores, mais fácil seria invadir o Turcomenistão, onde um presidente não está fazendo coisas ortodoxas.

Não queira saber o leitor o que aconteceu. Meti-me numa encrenca internacional que minha vaidade não esperava. Quem escreve, sem dúvida deseja ser lido, encontrar pessoas para dizer “gostei daquele artigo”, “aquela história do Lâmpião é ótima” (*Lâmpião e o Iphan*) e outras coisas que amaciam o ego do escriba. Deve ser um sofrimento “retroz” escrever e o texto ficar num tûmulo, sem ninguém ler. Golbery, quando o senador Leite Chaves deu um aparte picante sobre a conduta do general Ednardo em

**JOSÉ SARNEY**

PRESIDENTE DO SENADO

São Paulo no idos de 74 e o ministro Frota queria cassá-lo, argumentou que Leite Chaves já havia se retratado. Frota replicou: “Mas está nos Anais do Congresso”. Golbery atirou rápido: “Ô Frota, quando você quiser guardar um segredo, ponha nos Anais do Congresso. Ninguém fica sabendo nem descobre.” Quem quiser saber mais detalhes sobre esse episódio que leia o excelente novo livro de Elio Gaspari, *A ditadura encurralada*, onde vai completando a obra do grande historiador do nosso tempo que ele é.

Bem, mas eu estava tratando do sofrimento do escritor que ninguém lê, lavado nas lavandas

do *febeapá*: sou o único conhecido jornalista brasileiro que é lido no Turcomenistão.

Numa manhã deste mês, em Moscou, entrou na Embaixada do Brasil, para uma audiência solene, um senhor de barbas longas e severo. Apresentou-se: “Sou o embaixador do Turcomenistão e vim apresentar uma nota de protesto formal, exigindo retratação do governo brasileiro, do articulista e do corpo editorial do jornal, pelo artigo escrito pelo senhor José Sarney pedindo que os Estados Unidos invadissem o Turcomenistão, que é um país soberano”. O embaixador ficou perplexo. Também eu não teria a pabulagem de pensar ser lido pelo embaixador do Brasil. Ele não sabia de artigo nenhum e diplomaticamente recebeu o documento, afirmando que o ia remeter ao Ministério das Relações Exteriores. O homem advertiu: “Embaixador, se não ocorrer a retratação, isto vai prejudicar as tradicionais

relações de amizade turcomeno-brasileiras”.

Foi assim que soube que tinha chegado ao Turcomenistão, viajando pelas estepes russas, a minha *boutade* inocente sobre caminhos bem menos custosos para os Estados Unidos nessa questão do Iraque.

De minha parte, aqui, agora e formalmente apresento minhas desculpas ao Turcomenistão e agradeço-lhe extremamente comovido a bondade de terem lido este modesto colunista de Pinheiro, que não queria outra coisa – eu e os americanos, cuja maioria já pensa assim – senão que o presidente George Bush tivesse mais juízo.

Agora, confesso, na verdade estou com medo de que Bush – meu leitor assíduo – tenha lido o meu artigo e esteja realmente preparando a invasão do Turcomenistão, com o meu protesto.

*O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras*